

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—4 DE FEVEREIRO DE 1883—N.º 50—

GERENTE-PROPRIETARIO —AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Faro & Lino**, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS — O devaneio. O gentil pagem. O ultimo que nasceu. A buena-dicha.

TEXTO—Actualidades por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. O Domingo dos Bêbes, por Vidigal Salgado. O ultimo desejo de Clairette, por Alfredo Gallis. O commendador Mendoza, por D. João Vallera.

ACTUALIDADES

Quanto a mim a questão Mirbeau nunca foi devidamente resolvida. O rapaz tem incontestavelmente muito talento, mas vendo que não podia obter facil *réclame* para o seu nome, n'uma terra sem que Luiza Michel occupa as attentões publicas e as esquadras de policia, lembrou-se de se atirar aos comediantes como S. Thiago aos mouros. Os aggreddidos tomaram o caso a serio, e estavam resoltidos a representar na comedia humana uma scena tragica a valer, tão verdadeira como a de Kean no celebre drama inglez, ou como a de Melchides nos graciosos contos de Julio Machado. A excitação reaccionaria dos artistas offendidos, não podendo já conter-se na terra em que nascera, galgara os Pyrineus, e não raras vezes a encontrei á porta do Martinho dando demasiada vivacidade aos nossos artistas do normal. Foi por essa occasião que eu ainda mais me con-



O DEVANEIO

venci de que a dignidade dos nossos actores não parece tanto roupa de francezes, como lá por Paris, apesar de dizerem as chronicas que no *Bois de Bologne* ouve-se mais o tinir das espadas dos duellistas do que o cantar das aves na ramaria.

Uma noite Joaquim de Almeida, pensando no caso, chegava até a pedir um Mirbeau, como quem pede um copo de Xerez.

A litteratura indigena tambem deu o seu contingente; os felhetins á Mirbeau passaram, com licença do King Lear do *Diario da Manhã*, a serem os melhores exemplares dos ultimos figurinos parisienses.

Convem notar que n'esse tempo ainda a associação dos jornalistas não tinha feito um beneficio em S. Carlos, quando não Mirbeau teria *poseur* substituto no sadio escriptor, que á imitação de D. João VI sabe desabafar a sua indignação patriotica nas terras de Santa Cruz!

Mas, como ia dizendo: a litteratura indigena tomou conta da questão, e começou ou a resolver'a, segundo os escriptores, ou a complical-a, segundo os critiqueiros. O alvo fixo de todos os comentarios favoraveis aos comediantes, era a

separação da individualidade do artista e da individualidade do homem.

Emquanto a questão se achasse n'estes termos Mirabeau estava com a sua gente! O caso era outro, e a questão terminava logo que se ampliasse o theatro, se augmentasse a companhia, por fórma que o palco fosse o mundo e comediantes a humanidade.

O que faz o actor? Imita, finge, chora sem pesar, ri sem alegria, declama sem sentir, proclama sem ter fé, promete sem esperança? Pois seja assim! Tal qual o mundo inteiro!

O actor, o escriptor, o politico, o advogado, o juiz, o sacerdote, o operario, a creança, o adulto, o velho, tudo e todos emfim, nascem, vivem e morrem, com o carmin na face, com a tirade no periodo, com a liberdade no discurso, com o direito na contestação, com a rectidão na sentença, com o nome de Deus nos labios, com a gloria do trabalho, galantes nos primeiros annos, esperançosos mais tarde, venerandos mais tarde ainda!

Mirabeau disse bem, mas não foi comprehendido—Effectivamente o comediante é tudo aquillo, mas tudo aquillo é a sociedade em que vivemos. O actor, poderemos juntar, foi inventado, por pudor, para que todos nos convençamos, iludindo-nos, de que não somos comediantes. A civilisação é um curso de Conservatorio—é uma *ficelle*, e não passa d'isso.

Todas as industrias são exercidas e produzem lucros, mercê da arte de representar. A sinceridade é uma especie de roupas brancas; ostentam-se apenas em casa e no quarto mais discreto.

Pôr a nú a alma como quem põe o corpo, levantaria mais protestos do que as estatuas modernas.

As estatuas ainda conseguem mostrar-se á luz do sol e encimar os edificios publicos, a alma é que teria forçosamente que se recolher a um museu.

A elegancia nas vestes, a compostura nas palavras, a amabilidade no trato—tudo caracterisação, nem mais nem menos!

Pois se nós, raça de orgulhosos que até chegamos a ter o orgulho como virtude, não hesitamos em nos subscrevermos a todo o momento—*creados de toda a gente!*

E a caracterisação desmancha-se, perde-se, atraiçoa-nos... logo que qualquer d'esta gente toda faça de nós seu creado!...

Emfim, enquanto houver actores sempre vamos fingindo que supomos cousas diferentes—a arte de representar e as regras de bem viver.

Tal qual o carnaval.

O carnaval inventou-se e é ainda conservado para fingir que a mascara, o guiso, a truanice, a *pochade*, a intriga, o atropello, a bisnaga, o estilo baixo e sujo—a licença e até a confusão dos sexos, são cousas proprias do estado anormal das sociedades em que vivemos. Mas qual?! Carnaval a 6 de fevereiro diz, por exemplo o calendario d'este anno, mas pensando, estudando, recordando tudo que desde o primeiro do anno temos visto na rua, nos theatros, nas casas particulares; se avaliarmos quantos monges não adivinhamos sob os habitos, quantas casacas e politicos viraram, quanto carmin e pó d'arroz foi consumido, quantos velhos fingiram de rapazes, quantos rapazes fizeram de velhos, as scenas das ruas, as danças bairristas, a linguagem na imprensa e nas praças, não devemos desconhecer que o carnaval tem 365 dias, e que a unica variante que nos offerece é quando se chama carnaval bi-sexto, que n'esse caso tem 366.

Um facto bem eloquente:

Estava o carnaval no seu auge, as ruas mais largas e mais bellas apinhadas de trens em que *piers*,

rots, *bacchantes* e *pinaults* soltavam clamores infernaes misturados com o guisalhar dos cavallos e com as manifestações hilariantes da multidão. A distração era geral. De repente attentei boquiaberto n'um dos trens da comitiva e nos mascaradas que o cercavam...

Era um enterro!

Parecia tudo a mesma coisa! Coche de mil côres, como os palanquins das magicas, cocheiros de chapéu armado como aquelles dos vistosos *landaus* da companhia Diaz, e a pé a rodear tudo isto, excentricos e boçaes portadores de archotes!

E o morto! Abrissem o caixão e vel'o-hiam: ou frade capuchino, ou franciscano!

Era um enterro! Era uma lagrima cahida n'aquellas gargalhadas convulsas!

Tudo igual, tudo vistoso, tudo ridiculo, tudo carnavalesco! Até a morte!

O carnaval está para a seriedade publica, como o theatro para a sinceridade das paixões; existem ambos por convenção entre os costumes e a moral. Á primeira vista parece, sem duvida, que a moral nada em de commum com os tres dias de folia desregrada, que precedem a quaresma. Pois tem. É ella que exige, que recommenda a sua permanencia.

O anjo máu, a que se referem os livros santos, quanto a mim, foi exclusivamente inventado para fazer realçar a Providencia celeste. Se não estivesse convençionado que o carnaval dure tres dias, ninguém conseguiria convencer-se de que elle não dura todo o anno.

Os egypcios com o seu boi Apis, os judeus com o Phirum, Roma e Grecia com as suas lupercaes e as festas dodivanas da idade media, provam que embora passassem á historia Cybele, Pan, Saturno, o christianismo, em questões de moral, é tão habil como o extinto paganismo.

A humanidade, durante estas festas, não se mascara, como parece querer affirmar o o cartão, a cera, o arame e a alvaiade; revela-se creança, livre, descuidada, turbulenta, prodiga, carnavalesca, emfim.

Depois: d'este periodo resulta ainda uma conveniencia—os excessos fatigam e a quaresma, além de ser a epoca do jejum imposto pela egreja, é a epoca da abstinencia imposta pela fadiga e pela miseria.

As intermitencias na moralidade publica, são indispensaveis no caminho do bem.

Apesar de nunca a ter visto, e porque não acredito na fidelidade dos desenhos biblicos, eu ia apostar que até a escada de Jacob tinha patamares...

Mesmo para chegar ao ceu, é indispensavel descançar por vezes!

O que é o grande problema da prosperidade social! as cousas máis oppostas são muitas vezes collaboradoras na mesma obra.

Depois do carnaval, que desmascara o homem, e lhe dá as lições eloquentes, que sempre resultam da satisfação e do gozo, nada é mais util para aperfeiçoar esse homem do que dar-lhe as lições da historia.

Ora, o publico de Lisboa teve n'esta semana uma verdadeira semana gorda: folia em barda para desanuviar o espirito, livros selectos para lhe servirem de guia.

Agora qualquer leitor, póde d'um momento para o outro, verificar a diferença que ha entre as taes festas do boi Apis e o carnaval de nossos dias.

A camara municipal, que muita gente affirmava não ser capaz de dar aos municipios outra cousa que não fosse musica de Gaspar e dança de Justino, inau-gurou afinal a primeira bibliotheca popular.

Boa acção, bello incitamento! Agora até é prova-

vel que alguns vereadores se resolvam a aprender a ler!...

Que de transformações se vão operando na sociedade portugueza!

Eu sou ainda dos bons tempos em que as bibliothecas populares que existiam em Lisboa, eram apenas a da loja do Bordallo e a da loja do Arsejas.

Catalogo gratuito, leitura a tres tostões por mez, deposito ou caução—dois pintos!

Com tresentos réis e um passeio a rua Augusta as familias arranjavam leitura amena para as noutes de inverno.—Dumas, Sue, Paulo de Kock, Capendu, Terrail conquistavam por esta forma uma popularidade extraordinaria. Foi assim iniciada a propaganda contra o jesuitismo na leitura do *Judeu Errante* e a favor dos esposos infelizes nas paginas do *Coi-tadinho*.

Esses livros, tinham alem de outras qualidades, uma que os fazia realçar; pareciam antigos como os missaes dos conventos, e as suas paginas, graças ao salivar constante dos leitores assíduos, não pareciam producto das machinas da Abelheira, mas grosso e macio pergaminho dos seculos que já vão longe.

Hoje, que grande diferença! e não só grande diferença na casa, nos livros, no preço e na escolha, mas principalmente diferença nos leitores.

Romances, com gravuras? qual! Dicionarios, compendios, encyclopedias, mappas, relatorios!

O operario já não lê contando as paginas, compulsa tomando apontamentos!

Ha dois dias achava-me eu na bibliotheca n.º 1—e vi que um operario reclamava—a *Mechanica*, de Benevides.

—Está no encadernador, pensou o empregado, lamentando esta falta; mas não importa, eu sei o que o homem quer—E deu-lhe a *Physica*, de Benevides.

A estes é que a leitura aproveita, pensei eu; anciaem pela instrucção e não sabem invocal'a, como aquelles que amam e não descrevem a paixão, como aquelles que creem e não sabem orar!

Em taes casos o bibliothecario não deve ser um conservador de livros, deve ser um instructor de homens.

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O Devancio

Evidentemente esta linda rapariga voltava para casa com o seu cabaz e o seu embrulho. O caminho era longo e no seu cerebro tumultuavam tantos pensamentos que ella parou um instante para os pôr em ordem, e para deixar correr a phantasia em busca do ideal. Não parou para descançar, não ha a minima fadiga nas linhas puras do seu rosto, no desenho firme e flexuoso das curvas do seu corpo esbelto. Sente-se que n'este momento, já, se fôr necessario, se levantará rapidamente e proseguirá no seu caminho, fresca, tranquilla, serena; mas terá de chamar primeiro ao seu lugar a errante phantasia.

São sonhos de amor de certo, que lhe povõam a mente. Amor mal correspondido? Talvez, porque ha uma vaga tristeza nas suas delicadas feições.

Quem pode comtudo deixar de corresponder ao affecto d'essa gentilissima menina? Talvez um obstaculo qualquer a separe do escolhido do seu coração? Quem póde adivinhal-o? Feliz entretanto aquelle que soube despertar n'aquelle coração ingenuo a primeira chamma de amor! Feliz o que tiver de co-

lher n'aquelles labios tão frescos o primeiro beijo, e a primeira confissão. Feliz o que poder passar o braço á róta d'aquella cinta airossissima, segurar nos braços o corpo descaído e languido d'essa formosa rapariga, e sentir poisar-lhe no hombro a fina e elegante cabeça cujas tranças se escondem debaixo do lenço avaro.

O gentil pagem

O quadro é elegante, e o canito vê-se que está seriamente compenetrado da gravidade, da importancia do seu papel: segurar na cauda do vestido d'essa airosa dama do seculo XVIII, que toda se pavoneia, divertidissima com a idéa, na galeria do seu palacio. É uma ociosa evidentemente. Só quem não tem occupado nem o coração nem o espirito é que pôde entreter-se a ensinar o cão a desempenhar-se d'esse grave mister, e a passeiar depois toda ufana com a graça do seu discipulo.

Sinceramente, sinceramente, e desculpem-me as damas a quem possa referir-se esta minha franca declaração, eu, em vendo uma senhora toda entretida com o seu cãosinho, um *king-charles* que ella traz ao collo, um *barbet* que lhe segura na cauda do vestido, um animalinho qualquer, odioso, ingrato, mal-humorado, guloso, que rosna, que morde, que é tão inutil como a dona, faço logo um triste conceito da possuidora da prenda. Não merece o affecto sincero de um homem a creatura frívola, que assim pôde occupar-se e enthusiasmar-se com esses animaesinhos embirrentos, esses anões que têm no seu corpinho todos os rancores, todas as raivas e todas as maldades dos infelizes, que, na especie humana, não lograram chegar á craveira commun.

A *sympathia* significa sempre mais ou menos uma certa communidade de instinctos. O animal é frívolo, inutil e ingrato; a dona ha-de ser tambem ingrata, inutil e frívola. O animal tem os dentes aguçados promptos sempre para se cravarem no asucar prohibido, é egoista e desdenhoso; a dona ha-de ter tambem appetites defezoz, ha-de ser desdenhosa e egoista.

Fallem-me n'esses cães fortes e magnificos, de olhar bom e meigo, de affeição dedicada, e de abnegação levada ao sacrificio. Quando vejo uma airosa menina, de fresco e ingenio semblante, acariciar um d'esses potentes *terras-novas*, que lhe pagam as caricias com um meigo olhar todo impregnado de effluvios de ternura, percebo logo que está alli uma santa e nobre alma, capaz tambem dos grandes affectos e das grandes dedicações, uma d'estas meninas fadadas para serem o futuro encanto da familia que crearem; mas, quando vejo outra toda entretida com um cãosinho pequenino, todo sumido no pello, com uns olhos maus que resplandecem com brilho vermelho, n'um focinho agudo sempre prompto para o rosnar, que recebe as festas sempre a procurar o bolo, que foge dos visitantes para ladrar em falso no collo protector da dona, affasto-me sorrindo d'essa menina *gâtée* a quem não souberam educar nem o coração, nem o espirito, e que nunca ha-de saber passar da vida frívola das salas para a vida austera e grave da familia.

O ultimo que nasceu

Quando, passados alguns annos de descanço, nasce uma criança n'uma casa de familia, criança, que vem, estando já os irmãos crescidos e creados, esse recém-chegado, além de ser sempre, se pôde haver distincções entre filhos, o predilecto dos pais, é sobretudo o enlevo, a adoração dos irmãos. A irmã mais velha, que deixou pouco antes as bonecas, ensaia com esse boneco vivo o seu papel de mãe, os

irmãos pequenos, todos gloriosos de terem algum a quem proteger, rodeiam-n'o de caricias, estremeceem-n'o, trazem-n'o ao collo, e é delicioso ver esses pequeninos entes, que entram na vida, com olhar pasmado e ingenio, ao collo de outros pequenos, pouco mais velhos e pouco mais crescidos do que elle.

A irmã sobretudo, essa é verdadeiramente a segunda mãe do pequenino. É ella que a faz saltar nos joelhos. É ella que o trata, é ella que o pensa, é ella que o cuida, e não quer ceder a pessoa alguma essas prerogativas, aurora ella mesma a protege um romper d'alva.

No quadro que a nossa gravura representa, vê-se de um lado a irmã a erguer triumphantemente aos ares o pequenino cuja cabecinha engrinaldou de rosas, ao pé a pequena com o avental cheio de flores a ver muito espantada as brincadeiras da irmã. Do outro lado, a mãe, na plenitude e em toda a sazona da belleza dos seus trinta e cinco annos, contempla com um bom e ineffavel sorriso aquella scena deliciosa, enquanto o pequeno, no egoismo de um estomago que pretende satisfazer-se se prepara para se regalar com o piteu que tem no collo. Isto tudo á hora do descanço do trabalho, debaixo dos raios ardentos do sol do meio-dia, fórma um verdadeiro e suavissimo idyllio.

A Buena-Dicha

Eu podia disrecrear largamente sobre um d'estes tres assumptos: os ciganos, as visitantes com o seu criadito impertigado, e a cartomania. Prefiro evitar ás minhas gentis leitoras, que podem appetecer o ir consultar as feiteiceiras, para conhecerem o segredo do seu futuro, e o nome dos seus futuros, a perda do tempo e o trabalho. Vou-lhes ensinar varios methodos para saberem esse importante segredo.

Primeiro: Sae v. ex.^a de sua casa com os olhos fechados, e dirige-se ao quintal. Apanha uma couve, e o tamanho, a grossura e a fórma da planta arancada dão-lhe o claro retrato da figura do seu futuro marido. Guarda preciosamente o talo da couve, e põe-n'o á porta de casa; o nome de baptismo do primeiro homem que apparecer, é o nome de baptismo do feliz que ha-de possuir-a.

Segundo, e este methodo não é garantido senão na Escocia: Sae a curiosa de casa com um novello de lã azul, chega a um forno a que lá chamam *Kiln*. Atira com o novello para dentro do forno, mas sem largar a ponta. Depois fórma um novo novello desdobando o antigo: Quando chega ao fim, sente ordinariamente que alguma coisa o segura. Sem se assustar, pergunta: *Who haud?* Quem segura? E do undó do poço vem uma voz mysteriosa, que diz o nome ou o sobre-nome do esposo.

Querem ver o futuro marido? Nada mais simples. Ponham-se á noite diante de um espelho, com uma vela ao seu lado. Comam uma maçã, e, se repararem bem, verão, por cima do hombro, a physionomia do companheiro da sua vida.

As escocezas usam ainda outro methodo mais assustador. Vão a uma granja, e abrem as duas portas fronteiras. Agarram depois n'uma joeira, e, virando-se para o sitio d'onde vem o vento, fazem tres vezes os gestos de quem está joeirando. A terceira vez uma apparição, com as feições do futuro, surge a uma das portas, atravessa a granja, e sae pela outra porta.

Querem mais? Oçam o cuco, e as vezes que elle repetir o canto são os annos que faltam para o casamento. Na Bretanha quem passa, sem reparar, por baixo da corôa de um maio, casa n'esse anno.

Querem saber quem ha-de amal-as, e querem que elle as ame de veras? Na vespera de Natal ou Anno Bom ponham uma meza com dois talheres mas sem garfos. O amante vem, ceia, e vae se embora. Guardem cuidadosamente o que elle deixar, porque volta e ama a pessoa que guardou os seus sobejos, mas nunca lh'os mostrem, porque as ficará odiando, ao lembrar-se do muito que padeceu n'essa noite em que estava sujeito á influencia fatal de um feitiço.

Outro: Agarra-se n'um novello de linha e n'uma chave já velha, prende-se o novello á chave, desenrola-se e deita-se da janella abaixo, segurando-se na chave. Depois faz-se oscillar a linha, e diz-se: Escutae! escutae! Ouve-se então uma voz que vem do sitio onde se ha-de celebrar o casamento. Este systema é muito vago. Saber uma pessoa se ha-de casar para o norte ou para o sul, não me parece que satisfaça muito a mais ligeira curiosidade.

Ha tambem quem diga que uma menina, pondo a mão fóra da porta em certos dias, apanha cabellos do seu futuro noivo. Sempre se fica sabendo ao menos se ha-de ser loiro o futuro.

Ha outro systema que não deixa de ser curioso, e que foi empregado, segundo se diz, por umas raparigas de Coburgo. Apanharam nove especies de lenha nova, vieram para casa, sentaram-se, e uma d'ellas, a mais audaciosa, despiu-se toda, e poz a camisa fóra da porta, dizendo: Appareça quem ha-de casar comigo, e dê-me para cá a minha camisa. Appareceu logo uma figura de homem, que entregou a camisa, e foi-se embora. Como não era de carne e osso, é isso o que o desculpa.

Ora o noivo da tal menina desembaraçada tinha exactamente a physionomia e as feições da tal figura da noite de Natal, as outras, animadas por este resultado, quizeram repetir a experiencia. Despiram-se todas, e pozeram fóra da porta as camisas em monte. Os espiritos desesperaram-se, porque se atrapalhavam com a misturada, e entraram todos pela porta dentro, a fazer um barulho infernal. As pobres raparigas, assustadissimas, fugiram para as suas camisas; taparam a cara com a roupa, e assim estiveram até pela manhã. No dia seguinte encontraram as suas camisas todas esfarrapadas, e nenhuma ficou sabendo quem seria o seu marido.

Tendo posto á disposição de v. ex.^a tantos meios infalliveis de conhecerem os seus futuros maridos, espero que não commetterão a imprudencia de irem consultar ás feiteiceiras, e de quererem conhecer o seu futuro pela velha moda das cartas. Não são mais seductoras estas evocações, estas consultas pessoas do mysterioso oraculo do destino?

O DOMINGO DOS BÉBÉS

AS ESTRELLAS

(Continuação)

Eduardo—Desde que outro dia me prometeu fallar a respeito das estrellas, ando sempre pasmado para as Ursas e com os olhos arregalados para o Dragão, á espera de que o tio cumpra a promessa.

Thomé—Pois está dito; palestremos a respeito do firmamento.

Nos espacos celestes, como n'um oceano sem praias, fluctuam milhões de globos de diversos tamanhos chamados *astros*. Uns são luminosos por si mesmos, brilham pela sua propria luz, são outros tantos sóes como aquelle que nos allumia, e chamam-se *Estrellas* ou tambem *Estrellas fixas*, por que occupam constantemente no ceu a mesma posi-

ção, umas em relação ás outras: são como se estivessem engastadas n'uma abobada que se movesse de leste para oeste.

Outros são corpos que não tem luz propria como a Terra e a Lua; a luz e o calor que recebem vêm-lhes do sol. Estes globos chamam-se *Planetas*.

neira que *erram*, por assim dizer, no firmamento. Além d'estes astros vêm-se de tempos a tempos brilhar no ceu uns outros que se distinguem das estrellas e dos planetas, não só pela singularidade do seu movimento, mas pela originalidade da fórma: são os *Cometas*.

circulam em roda dos Planetas como acontece com a Lua a respeito da Terra. Estes globos chamam-se *Satellites*. Esta palavra quer dizer guarda, servo. Effectivamente o satellite acompanha constantemente o astro a que pertence, reflectindo sobre elle a claridade que recebe do Sol.



O GENTIL PAGEM

Planeta quer dizer: *errante*.

Eduardo—Errante?

Thomé—Sim. Como viajam em roda do sol, occupam constantemente no ceu posições diferentes. Hoje vemos tal planeta no meio d'um certo grupo d'estrellas; amanhã, como tem caminhado em torno do sol, já se acha em meio d'outro grupo; de ma-

Eduardo—Como aquelle que nós vimos de madrugada o anno passado? E que tinha uma cauda muito grande?

Thomé—Isso mesmo. Os diversos astros que povoam o ceu são, pois: Sol, Estrellas, Planetas e Cometas. Ao mesmo tempo que os Planetas giram em torno do Sol, outros globos de menos importancia

Eduardo—E' um creado de lampião atraz do amo.

Thomé—Ou cousa muito parecida.

Eduardo—Quem traz o lampião do nosso planeta é a Lua?

Thomé—Certamente. E' a sua missão de satellite.

Além dos corpos que acabei de nomear ha as chamadas *Estrellas cadentes*, *Aerolitos* etc.

Hasde ter visto todas as noutes destacarem-se do ceu umas estrellas, percorrerem um certo espaço com excessiva rapidez...

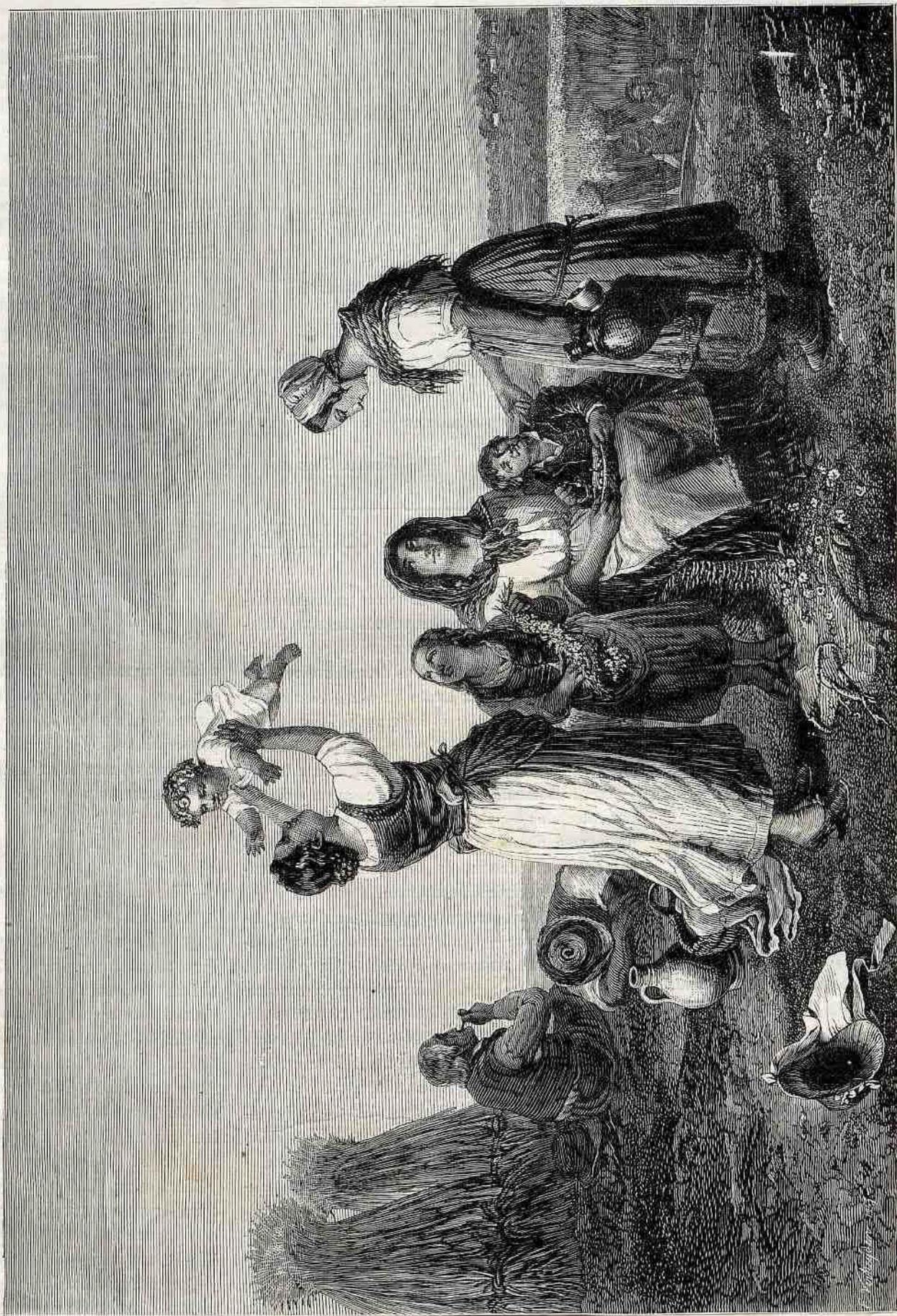
Eduardo—E sumirem-se logo?

Tenho um medo que caia alguma cá para baixo! Ficava tudo arrazado, não é verdade?

da terra. Estas estrellas cadentes apparecem em grande quantidade a 10 de agosto e 14 de setembro. De tempos a tempos precipitam-se das altas regiões da atmosphera massas mineraes, mais ou menos volumosas: estes corpos chamam-se *Aerolitos*, que significa *pedras do ar*.

que as distingue dos Planetas.

As estrellas acham-se a distancias tão prodigiosas que não podemos usar da unidade legua para medirmos essas distancias; precisamos recorrer a uma unidade especial tão grandiosa como os espaços que deve medir; essa unidade é a luz. A sua



O ULTIMO QUE NASCEU

Thomé—Não. As estrellas cadentes, apesar do nome, não são estrellas propriamente ditas: podem considerar-se como umas centelhas apenas, se as compararmos com esses immensos globos dos quaes um só bastava para reduzir a cinzas o mundo. Estes corpusculos, ao atravessarem a nossa atmosphera, adquirem uma temperatura elevadissima, tornam-se incandescentes, luminosos, e evaporam-se umas vezes, outras chegam mesmo a cahir na superficie

Eduardo—São como as pedras de calçada?

Thomé—Não; vêm misturadas com diversos metaes, principalmente o ferro puro.

Eduardo—E é amiudada a queda dos aerolitos? E produzem muitos estragos?

Thomé—Fallaremos d'elles a seu tempo. Vamos por sua ordem: comecemos pelas Estrellas. A luz das Estrellas é dotada d'uma tremura constante chamada *scintillação*: é esta mais uma circumstancia

velocidade não se pode comparar com nenhuma outra.

A luz partindo do Sol gasta, para atravessar a distancia que d'elle nos separa, que é de 30.400:000 leguas, oito minutos apenas. Se o sol nos enviasse a luz pela locomotiva mais rapida do mundo, só a receberiamos passados tres ou quatro seculos. Compara os dois tempos e julgaras das velocidades. Pois os astrônomos affiançam-nos, que para a luz da

estrella mais proxima chegar á terra gasta tres annos e oito mezes.

Tres annos e oito mezes, entendes? a luz que, para andar 30.400.000 leguas, gasta apenas meio quarto de hora!

Eduardo—E' para uma pessoa endoidecer! Sempre é muito grande o ceu!

Thomé—Ouve. As estrellas não estão todas á mesma distancia de nós: umas se acham mais proximas, outras mais distantes. A estrella chamada *Wega* envia-nos luz que emprega vinte e um annos para chegar á Terra; a luz do *Sirius* gasta vinte e dois annos; e a *Estrella Polar* cincoenta e a luz d'outra chamada *Cabra 72*; e ha ainda outras mais distantes ainda.

Eduardo—72 annos! A luz d'esta quando chega á terra já está velha.

Thomé—E como chega já velha não nos dá noticias do presente; só nos traz novas do passado. Mas que diremos então d'outras, cuja distancia é tal, que para a sua luz chegar á terra gasta 2:700 annos?

Fita uma estrella qualquer das mais pequeninas do ceu. Na occasião em que esse astro nos enviou a luz que nol-o tornou visivel n'este momento, ainda nenhum de nós tinha nascido; como tambem ninguem verá a luz que n'este instante partiu d'essa estrella. Se, por uma supposição impossivel, esse astro se apagasse, ver-se-hia ainda durante muitos centos d'annos. Isto é, por tanto tempo, quanto a luz gastou a chegar á terra, a contar do momento em que o astro se houvesse apagado.

Eduardo—Quer dizer que viamos o que já não existia?

Thomé—Certamente. Eramos victimas d'uma illusão occasionada pela marcha da luz, que, a final, podemos chamar vagarosa com relação á distancia, apesar de caminhar 77.000 leguas por segundo!

A estrella mais proxima de nós está 200:000 vezes mais distante do que o Sol.

Eduardo—Se nós habitassemos n'essa estrella, a terra via-se?

Thomé—Quem pensa em tal! Pois é possivel ver um atomo de pó arrebatado ás nuvens pelo vento?...

A' distancia da estrella mais proxima, adeus Terra! É escusado cogitar em que exista semelhante globo.

Lobrigar-se-hia muito ao longe um pontinho luminoso, uma faúlba, que era, sabes o que? o astro radiante que nos allumia; a gloria e a alegria do mundo; o Sol! Visto, pois, que a distancia, transforma o sol em estrellas e as estrellas em sóes, devemos concluir que as estrellas são globos luminosos como o sol, como elle focos de luz e de calor e centros tambem d'um cortejo de planetas e satellites, mundos invisiveis que a razão adivinha, mas que os olhos jámais poderão ver. Esses sóes tem volumes muito variaveis. Uns são maiores do que o nosso, outros menores, outros eguaes a elle. A *Cabra*, por exemplo, é um sol que não cabe na orbita descripta pela terra. *Sirius*, a estrella mais resplandecente do ceu, a julgar pelo seu brilho, equivale em volume a um milhão de vezes o Sol. Por outro lado, como o brilho é tanto mais frouxo, quanto maior é a distancia a que se acha um astro, é muito possivel que o mais pequenino ponto luminoso que se avista nos limites do firmamento seja um gigante comparado com o *Sirius*.

Todos estes astros, tão grandes como o nosso sol, affastados a distancias prodigiosas, succedem-se infinitamente na amplidão do espaço e jazem em perpetuo movimento. Nada está fixo no universo; nem mesmo o mais pequenino atomo de pó. Se não per-

cebemos esse movimento é por que se executa a immensa distancia de nós; e no entanto é mais rapido que nenhuma das velocidades conhecidas na Terra: ha estrellas que são arrastadas no espaço por uma velocidade de 57:000 leguas por hora!

Se a vista humana podesse abraçar o espaço, o ceu pareceria um verdadeiro formigueiro d'astros circulando em todas as direcções do espaço infinito.

Fallando das estrellas, *Lamartine*, um maviossissimo poeta francez, n'uma estrophe meio estropeada por mim, diz assim:

É para o pensamento hora solemne
Aquelle em que o sol deixando os ceus,
Que do seu esplendor deixa saudosas,
O crepusculo aos montes diz adeus.
Luz dubia vae cobrindo o firmamento,
Como a sombra d'um manto fluctuando,
E as estrellas, escondidas, vão a mêdo
Uma agora, outra logo, scintillando.
Milhões d'astros pullulam nas alturas,
Da sombra irrompendo illuminados,
Como grãos d'ouro fino, rutilante,
Sob os passos da noite semeados.

Esse ouro puro, esse pó luminoso que o olhar devassa a custo nas profundezas do firmamento é um illimitado areal de sóes.

VIDIGAL SALGADO

O ULTIMO DESEJO DE CLAIRETTE

Pekin começava a envolver-se nas primeiras sombras da noite, e os telhados polidos das suas phantasticas habitações irradiavam n'um supremo esforço de ondulações luminosas, os derradeiros reflexos do sol, um sol chinez muito quente e esbrazeado como as bocas circulares dos grandes fornos destinados á fabricação do chá.

Alguns palanquins com as suas cortinas de seda verde cuidadosamente corridas, atravessavam a cidade por entre uma população inquieta e variegada, onde fluctuavam negros rabichos entrançados como viboras, pendentes de craneos côr de cidra, e espelhetos como a casca de uma abobora.

Ao longe, o rio *Amarello* estendia-se n'uma tranquillidade morna e indifferente como o olhar placido d'um bonzô. Juncos de todas as côres e feitios, suleavam as suas aguas, abrindo á viração da tarde as triangulares vellas de bambú. Dos exóticos jardins circumdados por espessas pallissadas de arecas exhalavam-se acres perfumes, capazes de embriagarem a pituitaria sensivel de um europeu. Nas casas do fumo extensas fileiras de fumadores de opio, estendiam-se sobre toscas macas de madeira, adormecidos n'aquella bestial beatitude que lhes envenena o cerebro, transportando-os ás regiões encantadoras do extasi.

Aquelles pobres suicidas cadavericos, lividos, embrutecidos, vivendo apenas d'uma continua locubração cerebral, estavam para ali inconscientes, sonhando com as delicias extremas que Fô concede aos seus escolhidos.

Em algumas salas sumptuosas, de caprichosos palacios de charão, rotundos mandarins de unhas enormes, bigodes collossaes, e formosos rabichos, meditavam *Confucio* enquanto uma microscopica chavena de chá da primeira colheita arrefecia lentamente sobre uma banquinha de sandalo. Pallidas luzes coadas atravez finissimas placas de papel de arroz com pinturas de dragões e animaes fabulosos, faziam brilhar as faces côr de cidra d'estes beatifi-

cos filhos do ceu, e sanguessugas do paiz. N'um d'estes extravagantes palacios, productos originaes da architectura mongolica, duas pessoas, um homem e uma rapariga, europeus, conversavam vagarosamente meios deitados n'um esplendido divan de damasco azul, enquanto a palida luz d'uma genuina lanterna chineza, derramava em torno a sua claridade fixa, partida em irradiações multicolors, disparadas pelos vidros de côres que a enfeitavam.

Elle era um homem dos seus trinta annos, alto robusto, espadaudo de grande bigode negro, olhos rasgados, com o tic accentuadissimo dos americanos do norte, ella franzina, delicada, muito alva, de mãos e pés de duqueza, cabellos crispados n'umas comas de oiro claro, labios rosados, dentes muito brancos, olhos azues, e aquella palidez-marfim que tão bem fica ás mulheres formosas.

Era franceza de origem, fôra actriz n'um theatro *S. Francisco*, rendera-se ao amor de *William Park*, filho unico de um millionario banqueiro de *Chicago*, e em viagem de recreio pelo mundo, residia em *Pekin* havia tres mezes, por causa da marcha vertiginosa d'uma tysica que ha muito a molestava.

William Park, homem serio, regrado, calculista, meio philosopho meio metaphisico, não sabendo em que gastar as montanhas de dollars que lhe pertenciam, affeçoara-se a *Clairette*, e era com uma alegria particularissima que elle contemplava a formosa rapariga, extasiando-se ante as porcellanas de *Yokama*, e os chales de seda do *San Tchu*.

Pekin convira-lhe para residir, antes de a expôr ao incommodo de uma viagem até *Hong Kong*, onde deviam tomar logar a bordo dos grandes vapores que d'aquelle porto se dirigem para *S. Francisco*.

No momento em que os encontramos, começava a lua a mostrar no horisonte o seu rosto d'um chinez puro e idiota, e os arabescos dos palacios a tomarem sombras gigantes e maravilhosas, produzidas por caprichos de projecção. A janella aberta mostrava as aguas scintillantes do rio *Amarello*, sobre as quaes o astro da noite reverberava os seus pallidos raios.

Clairette levantou-se e o seu vulto gentil assomou á janella.

—Vês? disse ella pousando a mão pequenina e branca no hombro do amante—como tudo isto é triste!

Se soubesses as saudades que eu tenho do meu *Pariz* tão alegre e ruidoso, tão festivo e liberal!

Estas lanternas de cores, estes papagaios enormes, phantasticos, quasi fabulosos, estes homens de olhinhos e physionomias escarninhas como os productos desconjunctados de um somno de febre, estes palanquins de magica, estes mendigos nojentos, aleijados, disformes, asquerosos como reptis, as formas hieroglyphicas d'estes palacios, tudo isto me faz mal aos nervos.

Dize, se aquella lua que além vês, se parece com a lua serena e poetica do meu ceu parisiense, cahindo como um ponto sobre um i, segundo a phrase de *Musset*, nas cruces de ferro de *Notre Dame*?

Que cara aquella! Parece mesmo que a cabeça luminosa d'um mandarim chinez furou a abobada celeste, e espreita do alto da sua incommensuravel região este imperio suigeneris. Aquelles olhos, aquella nariz, aquella boca, aquelle sorriso, como toda ella é genuinamente chineza!

—Creação, respondeu o americano com ar grave inclinando no seu hombro herculeo a fronte pallida da *Clairette*,—como a tua imaginação escandecida phantasia tudo quanto contempas.

Ora falla a verdade—quando representaste a *Fleur de thé*, não sonhaste muita vez com a *China* no teu

perfumado quarto do bairro latino? e ao acordares não desejava uma só vez que fosse, poderes vir a China, a essa China real, verdadeira, palpavel com o seu arroz e o seu opio, e onde nós agora estamos?

Essa China que se estende por ahi além n'uma immensidade de leguas, e onde vegetam milhões d'estes exóticos productos da humanidade?

N'essa China dos mandarin, dos pagodes, dos prestidigitadores, do ambar, do almiscar, do charão, do chá?

—Desejei é verdade, mas hoje sinto-me como que uma planta indigena transportada para a Europa, e plantada em mimosa estufa, onde milhares de olhos curiosos e de mãos sacrilegas a vissem e palpassem.

Estas maravilhas atterram-me. Parece-me que estou fóra do mundo, fóra do meu ser, e que Paris com o seu bosque e os seus telhados, as suas corridas e os seus bailes, as suas festas e as suas loucuras, existe a esta hora nos antipodas donde eu parti nas azas ligeiras d'um sonho extraordinario.

E a face da lua sempre escarnekedora e estúpida, avançava lentamente como um reptil circular pelo aveludado negro do ceu.

Estamos em pleno rio Amarello; um junco alugado a peso de ouro, voga brandamente na superfície lisa das aguas, conduzindo a seu bordo Clairette e William Park, de mãos dadas e mais namorados que meia hora antes, quando da janella do seu palacete olhavam a pobre Diana tão inspiradora no ceu da Europa, e tão comica no ceu da China.

—Sinto-me bem, murmurou Clairette, este ar fresco e fino parece que me fortifica o coração, este silencio, esta tranquillidade, esta meia luz esbranquiçada que me borda na minha vista o panorama de Pekin, tudo isto me convida ao repouso e á meditação.

—Sentes-te então melhor não é assim? disse Park encostando ao largo peito a cabeça de Clairette.

—Melhor, sim, tens razão, mas dize-me uma cousa.

—O que desejas?

—Ainda me amas muito?

—Sempre, adoro-te.

—Pois bem. Nunca pensaste que eu posso morrer d'um instante para o outro?

—Não.

—Porque?

—Porque te amo demasiado para pensar na tua morte.

—Mas supõe que eu morria hoje, amanhã, d'aqui a dois dias, n'esta parte do mundo tão phantastica e philosophica, onde as mulheres quebram os pés para serem galantes, e os homens rasgam o ventre para serem honrados?

—Cala-te criança, não sejas louca.

—Não é loucura, é um pensamento como outro qualquer.

—Enfim; supponhamos isso que dizes, o que desejas pois?

—Que transportes o meu cadaver para Paris e me faças enterrar em Montmartre n'um cantinho escuro do cemiterio, onde mandarás plantar uma roseira.

Irás ali algumas vezes contemplar a minha sepultura, não é verdade?

—Cala-te.

—Escuta-me. Quando as violetas voltarem perfumadas e mimosas como uma pagina de Lamartine, tu deixarás sobre a minha sepultura, um pequenino bouquet muito fresco, muito ridente, como que uma recordação do teu amor, pela minha pobre alma que te abençoará do ceu.

—Por Deus, Clairette—fazes-me mal.

—Assustas-te com as minhas palavras? Não vês como eu estou tranquilla? Não te parece que seria agradável morrer n'este momento. Tudo tão tranquillo e silencioso! A alma desprender-se-hia da materia sem ser atemorizada pelo ruido ou pelos choros dos que nos vêem morrer.

—Ah! William como tu és bom e como eu me sinto bem, e Clairette deixou pender a fronte no peito do amante.

O junco continuava vogando lentamente nas aguas tranquilladas do rio.

William Park sentiu que a cabeça da pobre rapariga lhe pesava demasiado, levantou-a, e collocou-lhe a mão no lado esquerdo do peito.

Clairette immovel, fria, com o sorriso dos anjos a brincar-lhe nos labios, parecia dormir beijada pelos raios obliquos da lua, que sempre escarnekedora e estúpida, avançava lentamente como um reptil circular no aveludado negro do ceu.

Estava morta.

Um anno depois, por uma manhã fria de dezembro, um homem todo vestido de preto, entrava no silencioso cemiterio de Montmartre, e deixava cahir um pequeno ramo de violetas n'um formoso tumulo de jaspe, onde dois anjos de marmore choravam lagrimas de pedra abraçados a uma cruz de agatha.

Era ali o tumulo de Clairette, e sir William Park ia cumprir religiosamente o ultimo desejo da desditosa actriz.

ALFREDO GALLIS.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

(Continuado de pag. 391)

VII

D. Carlos não se fez rogar mais, e com voz medida e cadenciada, e com certa timidez que o tornaria sympathico, se por ventura o não fosse por natureza, recitou o seguinte:

O arroio manso e bello
Quebra o laço de gelo,
E desatado em onda crystallina
Torna o prado fecundo.
Flora empresta os encantos a Cyprina;
Esplende Febo no celeste mundo;
E por noite callada
A casta deusa do pastor, que dorme,
A medo oscula o rosto, extasiada.
As andorinhas com ruido enorme
Do telhado na beira fazem ninho;
Desprende Filomela doces trillos;
São calmos ceu e mar, puros tranquillados;
Só boceja mansinho
O Zephyro, que beija herva e flôres,
E sorvendo gratissimos olores
Com musica e perfume o ar agita.
Na quadra alegre e rica dos amores
Amor em todo o coração palpita,
Porém no peito do zagal Mirtilo
Acha perpetuo asylo.
Ao vivo alli com tintas engenbosas
Se apraz o deus alado
De retratar as fórmas graciosas

Da zagala, por quem desventurado
Morre o fiel pastor.
Porém Clori bondosa e compassiva
Deseja que elle viva,
Mas não quer dar-lhe o amor.
Diz-se que um rabadão encanecido
Pensa em ter por marido.
O ciume inda mais a dor augmenta
Do pobre, que d'esta arte se lamenta:
«Não entendes d'amor, linda creança!
És muito joven, não entendes, não.
Serei merecedor d'essa esquivança,
Mas explicar não sei por que illusão
Vaés belleza entregar, Clori gentil,
Inutil dom, thesouro immaculado,
A' fraqueza senil.
A papoila do prado
As folhas pudibundas desenrola
E pompêa a corolla,
Só quando o sol derrama
Em seu seio velado estiva chamma;
E a rosa não se atreve
A abrir o calix com granizo e neve.
Eu não proferiria uma censura
Se Galathea o cyclope adorasse.
Unem-se bem valor e formosura.
Cinge-se meiga ao tronco inabalavel
A hera fraca, debil, amavel.
Porém, a quem da vida
Para o pezo arrastar tem força apenas,
Jámais amor convida
A que em suas prisões soffra mais penas.
Do triste velho fogem as Camenas;
Se a fructa pastoril seu labio toca,
Logo perece o desmaiado alento
Sem converter-se em sonoro vento,
E os motejos do satyro provoca.
Com vacillantes passos mal no côro
Entra das nymphas bellas, e no giro
Ou no canto das Menades sonoro
Algum flebil suspiro,
Ou ai dolente emite por acaso.
Nem o hierofante o tyrso lhe confia
Nem elle ascende ao cume do Parnaso.
Ai Cloril que demencia te transvia?
Já que por ti se perde
A minha juventude e amor ardente,
De frescas rosas e de myrtho verde
Cingir não queiras uma branca frente.
A vide trepa ao alamo frondoso;
Só a picante ortiga
Convem que adorne o muro ruinoso.
Que lance, que fadiga
Não quererei soffrer por agradar-te?
Leões por ti no bosque vencerei,
Por ti a furia arrostarei de Marte,
E da campina o rei
Que a fronte alevantando
Arma ostenta terrivel, que da lua
Semelha a eburnea foice, ha de, lavrando,
Sentir na cerviz sua
A de minha aguilhada ferrea pua.
Pela velhice o rabadão prostrado
Mil desvelos de ti reclamaria,
E eu só por um teu gesto iria ousado
Do mar as profundezas, e ornaria
O collo teu de perolas sem sombra;
Perseguiria o lobo em grande luta
Arrancando-lhe, em fim, a pelle hirsuta
Para que fosse de teus pés allombra.
O' nympba allucinada, ó flor mimosa,
Não vás tu por desvairo ao rabadão

Longevo conceder a mão de esposa.
Tanta prova d'amor te hei dado em vão?
Vês que para seguir o teu caminho
Deixo o templo de Pallas, e os vergeis
Onde Betis copioso se dilata.
Fujo meu patrio ninho,
E amigos meus provados e fieis
Por soffrer crueldades d'uma ingrata.
Não te inspira desdem minha pobreza
Que não póde abrigar tal sentimento
Coração como o teu; sou em riqueza
Egual ao rabadão, e em nascimento.
Só engano funesto, só loucura
O' Clovi, ó rosa do jardim celeste!
Te fará exhalar cheiro e frescura
Nos galhos seccos do espinheiro agreste,

ciam com o fogo da inspiração. O cabello preto, já sem pós, luzia e tinha reflexos azulados como os das azas do corvo. Quando fallava eram graciosos os movimentos da boca. Os dentes brancos e eguaes, o nariz recto, a fronte ampla e serena.

D. Carlos trajava com summa elegancia, segundo a ultima moda de Paris. Era um verdadeiro paralta. Parecia o principe da juventude doirada, transportado por artes magicas das margens do Sena para o coração da Andaluzia. O collarinho da camisa e o lenço com que atava o laço á roda d'elle, estavam sufficientemente baixos para descobrir a garganta e o pescoço robusto, sobre o qual poisava airoosamente a cabeça. A estatura, mais alta do que mediana, o corpo esvelto. O calção justo de casimira, a meia de seda branca e o sapato de fivella de prata, permit-

inquietação, que Luzia, sua sobrinha, tinha escutado com ademanos e gestos proprios de quem entende a poesia, e com certo interesse, que elle não conseguia deslindar se era unicamente litterario, ou provinha de outra causa mais pessoal e mais funda.

E logo, em consequencia de taes observações, qualificou a sobrinha, de quem até então fizera pouco caso, de bonita e discreta. Póde dizer-se que olhou para ella conscienciosamente pela primeira vez, e descobriu que era loira, clara, de olhos azues, airosa de corpo e muito distincta. Como bom tio, que era, não poudé deixar de regozijar-se com todas estas descobertas; porém, fez, ou julgou fazer, outras descobertas, que o mortificaram alguma coisa. «Talvez sejam cavillações» dizia comsigo.

Ás dez horas em ponto acabou o sarau.



A BUENA-DICHA

Abrir o seio candido, macio
Não para abril, para dezembro frio.
Não me firas assim, pois se me queres
Matar, vê que te matas quando feres.»

Mal terminaram os versos, foram estrepitosamente applaudidos pelo benevolo auditorio; mas, para dizermos a verdade, nem D. José, nem D. Antonia, prestaram attenção durante a leitura, as senhoras mais idosas adormeceram com a cadencia; o senhor Cura achou a composição demasido materialista e mythologica e um pouco pesada, e as amigas de Luzia enthusiasmaram-se mais com a boa presença do poeta do que com o merito litterario da obra.

D. Carlos era, com effeito, um guapo moreno de 22 a 23 annos. Os olhos grandes e vivos resplande-

tiam que o elegante moço mostrasse a perna bem feita e um pé pequeno, cheio e alto no peito.

As raparigas certamente contemplaram mais todas estas coisas, e mais se deleitaram com a doçura da voz do mancebo do que com o que nos atreveremos a qualificar de idilio, metade de cujas palavras era grego para ellas.

D. Fadrique tinha reparado em tudo. Como a maior parte dos distrahdos, era muito observador, e dava immensa attenção quando se dignava prestal-a.

Pareceram-lhe os versos regulares, não inferiores aos de Melendez, posto que não tão bons como os de André Chénier, que tinha ouvido em Paris. O mancebo pareceu-lhe muito elegante.

Tambem advertio com certo gosto misturado de

Estando só a familia, D. Antonia chamou os creados, e, reunidos todos, rezou-se o rosario em alta voz.

Por ultimo, não bastando o chocolate e refrescos, que podiam passar por merenda para gente que costumava jantar pouco depois do meio dia, servio-se a indispensavel ceia.

Durante esse tempo D. Fadrique buscou e encontrou ensejo de fallar a sós com a sobrinha, e fallou-lhe d'este modo:

—Menina, pelo que vejo, gostas mais de versos do que eu suppunha.

(Continua).